

Benjamin
Blech

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?



E-book
Vol. 5

Conteúdo extraído do livro:

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

Rabino Benjamin Blech
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br





PARTE 3

POR QUE SOFREMOS?

CAPÍTULO 10

COMPREENDENDO O SENTIDO DO SOFRIMENTO

Eis uma verdade amarga: nós só morremos uma vez, mas podemos sofrer indefinidamente.

A morte pode ser defendida, como dizia o rabino chassídico Mendel de Kotzk, porque “a morte é apenas uma questão de ir de um espaço para outro e, no final, para o espaço mais bonito”. Porém, o sofrimento parece carecer de justificativa. Será que Deus não ouve quando gritamos de dor? Ou será que Ele não se preocupa? Será possível que nós sintamos compaixão ao presenciarmos a angústia de nossos amigos, enquanto o Deus Todo-Misericordioso pode desviar o olhar e ignorar as preces dos aflitos?

Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento abala a nossa fé.

Em geral é constrangedor ouvir o tom melancólico nas vozes de algumas pessoas quando estas expressam as suas angústias. Talvez ainda mais perturbador do que a própria dor seja a sua aparente ausência de razão. “Eu só quero que Deus me diga que existe um motivo, que há um sentido, que isto não é em vão”, as pessoas se queixam para mim.

Nietzsche estava certo: “O que realmente eleva a indignação de uma pessoa em relação ao sofrimento não é o sofrimento em si, mas sua falta de sentido.”

Uma pessoa pode suportar quase qualquer coisa se ela souber que é por uma razão. Nós podemos suportar a dor de uma cirurgia se o médico nos disser: "Seja forte agora. Isso vai doer por algum tempo, mas eu irei remover aquele tumor e, depois que você se recuperar, verá o quanto a sua vida estará melhor daí em diante." Então podemos responder: "Certo, se houver um benefício em tudo isso, eu suportarei esta dor. Irei travar os dentes e direi: 'Estou ganhando algo por isso'."

Mas se a dor não tiver algum propósito, se o sofrimento nos alcançar conforme algum tipo de seleção aleatória, então este só pode nos levar para mais perto do desespero.

Ao vivermos em um mundo cheio de doenças incuráveis e de enfermidades como os vários tipos de câncer, nós sabemos, de fato, que o sofrimento não pode ser eliminado, mas também sentimos intuitivamente que este pode se tornar tolerável por meio da anestesia da compreensão.

Para começarmos a entender o propósito da dor e do sofrimento segundo as explicações do judaísmo, nós nos voltaremos uma vez mais para as páginas do Talmud.

Neste capítulo e nos próximos, examinaremos algumas das mais vigorosas respostas da tradição judaica para o complexo problema do sofrimento humano. Ao revisarmos essas diferentes respostas, devemos levar em conta que nossas mentes são necessariamente limitadas quando se trata de captar verdades de caráter infinito. Além disso, jamais haverá apenas uma explicação capaz de resolver todas as nossas dificuldades. Se as nossas próprias ações são férteis de múltiplas camadas de significado, será que podemos esperar menos de Deus?

Por isso, em nossa busca por respostas, não devemos reconhecer somente uma possibilidade, mas, em vez disso, um conjunto de possibilidades. Entre estas haverá algumas soluções que seremos capazes de compreender imediatamente. Outras, porém, serão mais complexas, compostas de subcamadas de significados profundos; também estas teremos que compreender plenamente.

O PRINCÍPIO DA REPREENSÃO

“Meu filho, não desprezes a disciplina do Eterno
e não repilas Suas advertências,
pois Ele admoesta a quem ama
assim como um pai acalma seu filho.”⁴⁴

Essa famosa citação do livro de Provérbios de Salomão nos dá a primeira resposta para a nossa pergunta: por que os bons sofrem? Eu chamo isto de “princípio da repreensão”.

O princípio da repreensão postula que Deus inflige sobre nós algumas formas de dor por amor, com a finalidade de nos disciplinar, para o nosso próprio bem. E levando-se em conta que poderíamos tender a responder a essa explicação para o sofrimento com: “Deus, faça-me um favor, não seja tão bom comigo”, há uma evidência considerável nos textos bíblicos e talmúdicos de que, às vezes, é justamente este o propósito que Deus parece ter em mente quando a dor nos alcança.

Antes de qualquer coisa, deixe-me dizer que não estou argumentando aqui que um pai deve disciplinar seu filho proporcionando-lhe um câncer ou AIDS. Há claramente alguns degraus de sofrimento que estão fora desse princípio. Dito isso, vejamos onde este pode se aplicar.

Note que o versículo supracitado do livro de Provérbios começa com “Meu filho”. Isso é muito importante porque dá o tom para a mensagem que se segue. O conselho não é o de professor ou de um estranho, mas de alguém muito mais íntimo – um pai. “Pois Ele admoesta a quem ama assim como um pai...”

Naturalmente, os filhos que ouvem seus pais dizerem “Eu estou fazendo isto para o seu próprio bem” tendem a não acreditar nisso. Quando você é jovem e carente de sabedoria, tende a pensar que deveriam lhe permitir fazer tudo o que você quer fazer – estar fora de casa depois da meia-noite; ir a uma

festa regada a bebida alcoólica – mas seus pais dizem: “Não, para o seu próprio bem você ficará em seu quarto e fará a sua lição de casa.”

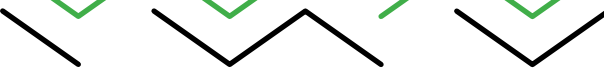
Você discute e faz cara feia, chora, fica nervoso, bate à porta. Mas quando os outros jovens se envolvem em um acidente automobilístico porque estavam bebendo, ou quando todo aquele dever de casa resultou em uma admissão para a Universidade de Yale, bem, finalmente você percebe como tudo isso lhe beneficiou.

Na época em que seus pais lhe corrigiam, você não gostava porque lhe faltava maturidade para observar o quadro como um todo. Aquilo então lhe parecia arbitrário e cruel, do mesmo modo como lhe parece agora a atitude de Deus lhe corrigir!

De maneira semelhante, quando uma criancinha de 3 anos, a quem foi dito para nunca atravessar a rua sem a companhia de um adulto, corre para o meio do trânsito, o pai não inicia imediatamente um discurso de meia hora a respeito do perigo de se andar entre automóveis em alta velocidade; os pais batem na criança na esperança de passarem uma mensagem dura e clara: “Nunca mais faça isso!”

É cruel? Sim, qualquer forma de castigo corporal carrega em si algum grau de crueldade, e é por isso que é controverso. Entretanto, alguns estudos demonstram que não há modo melhor de se enviar uma mensagem. Depois você pode argumentar com a criança e lhe explicar: “Dói mais em mim do que em você.” A criança, de fato, não acreditará em você – a sua afirmação lhe parecerá ilógica –, mas você sabe que é verdade. E, obviamente, essa é a uma frase que foi transmitida de geração em geração – aquilo que os filhos rejeitam como um ato absurdo de seus pais se torna a sua própria máxima quando eles mesmos se defrontam com a tarefa de criar seus filhos!

Nós podemos traduzir essa ideia, essa sábia imagem, para o nosso relacionamento com Deus. Digamos que Deus é o pai e nós somos a criança de 3 anos. Nós reagimos a uma dolorosa experiência em nossas vidas dizendo a Deus, nosso pai: “Isso não faz sentido. Por que você está fazendo isso comigo?” Ele responde: “Veja, vou tentar lhe explicar isso, mas você provavelmente não



entenderá devido à sua idade. Mas algum dia, quando crescer um pouco, você entenderá que isso foi para o seu próprio bem.”

A imagem do relacionamento entre pai e filho – um pai sábio e absolutamente culto e uma criancinha que ainda não tem capacidade de discernimento – é o que a Bíblia quer transmitir em seu ensinamento de que “o Eterno corrige a quem ama, como faz o pai que o faz em favor do filho”.

Agora, quando perguntamos “Por que o mau prospera e o íntegro sofre?”, podemos responder com a compreensão que obtivemos desse versículo: sim, é precisamente porque eles são amados por Deus que eles sofrem.

Em sua famosa obra *O Guia dos Perplexos*, Maimônides argumenta que, quanto mais próximo você estiver de Deus, quanto mais contato tiver com Ele, mais repreensões provavelmente ocorrerão. Quando Deus percebe o seu amor por Ele, devolve isso *exatamente na mesma medida*. É então que Ele busca te orientar em cada passo seu. Através da Sua medida extra de preocupação e do Seu amor cuidadoso, Ele lhe repreende de forma que você possa ser o melhor que puder.

Uma pessoa que não se interessa por Deus achará que Ele também não se interessa por ela. Deus deixa só, mas, embora isso em princípio possa soar bem, no fim termina com uma sensação muito ruim. Um adolescente considera bom não ser supervisionado por seus pais. Ele pode faltar às aulas na escola a qualquer hora, ficar acordado à noite inteira, experimentar drogas, álcool ou algo pior. Não parece algo muito bom àquele adolescente quando ele termina sendo um desempregado, um alcoólatra ou um prisioneiro. Alguns podem ter se machucado um pouco quando receberam uma orientação amorosa ou uma medida corretiva de um pai, mas será que, no final das contas, isso não valeu a pena?

Enquanto escrevo isto, tenho diante de mim um anúncio forte e chamativo de uma campanha antidrogas. Trata-se de um quadro de página inteira de um adolescente aparentemente nervoso, sobre o qual está escrito, em letras garrafais, as palavras LARGA no começo do parágrafo e DO MEU PÉ no fim. Em letras menores estão expressos os pensamentos do rapaz, em que ele parece gritar a sua queixa:

Sim, parece que eu odeio meus pais, mas eu na verdade só estou demonstrando o que um terapeuta chamaria de “afirmar a minha identidade”, de modo que eu possa crescer para me tornar um indivíduo bem ajustado. É claro que eu digo que quero liberdade, mas sem a supervisão dos pais eu me torno muito mais passível de fumar maconha e me entupir disso. Espero que meus pais não tentem agir como meus amigos. O que eu preciso mesmo é de pais.

Que diferença entre o que os filhos dizem que querem e o que eles sabem, lá no fundo, de que precisam. Pais que nunca disciplinaram um filho, na verdade, não se preocupam muito se este se mete em encrencas – e filhos sensíveis percebem isso. Nós também precisamos ser suficientemente inteligentes para captar essa mesma verdade quando esta vier do nosso Pai no Céu.

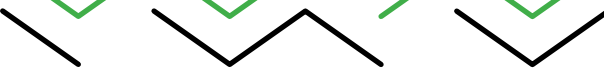
Ann Landers ficou famosa por dizer: “Você deveria estar feliz por ter um pai que lhe castiga, porque isso mostra que ele se preocupa contigo.” Salomão, no livro de Provérbios,⁴⁵ diz: “O que poupa seu filho de castigos o odeia.”

Nós também recebemos essa mensagem diretamente do livro de Deuteronômio:⁴⁶ “E saberás em teu coração que, como um homem castiga seu filho, assim te castiga o Eterno, teu Deus.”

É verdade, nós não deveríamos tentar aplicar esse princípio em casos em que o sofrimento é severo demais. Isso não serve para explicar por que a sua tia Marta contraiu câncer terminal. Contudo, esta é uma explicação possível para o sofrimento, e certamente tem relevância em muitas situações.

Uma jovem mulher que conheço chegou por si mesma a esta conclusão após uma experiência em que ela teve que administrar um tratamento médico ao seu gato de estimação. Nas palavras dela: “O gato adquirira um abscesso na sua bochecha que precisou ser drenado por um veterinário. Então, a fim de impedir que a infecção se espalhasse, o veterinário me disse para reabrir a ferida uma vez por dia durante vários dias e lavar com uma solução antibiótica todo pus que pudesse ter se formado por cima. O procedimento era muito doloroso para o gato. Naturalmente, ele lutava em meus braços para escapar





do tratamento. Eu me sentia muito mal, porque essa pobre criatura dificilmente podia entender como os antibióticos funcionam e que isto era bom para ele, pois evitaria uma calamidade muito maior. E eu de repente me dei conta de que é assim que ocorre entre Deus e nós. Nós somos incapazes de entender o 'remédio' de Deus, que pode causar dor ao ser administrado, muito mais do que nesse gato. Nós somos tão ignorantes quanto ele e, mesmo que isso nos fosse explicado, nós não entenderíamos. A única coisa que podemos fazer é confiar em Deus de que isso é bom para nós."

DO AMARGO VEM O DOCE

Há diversas variações do princípio da repreensão, e cada uma delas nos ensina, de diferentes modos, que o sofrimento não foi enviado por Deus como uma punição, mas como uma lição. Se prestarmos atenção, descobriremos que, no final das contas, houve muito benefício na dor. O primeiro exemplo que quero dar pode ser chamado de "do amargo vem o doce", e é derivado de uma história bíblica sobre as águas amargas de Mará.⁴⁷

Logo depois que os israelitas escaparam da escravidão do Egito e cruzaram o Mar Vermelho, eles chegaram a uma fonte em um local cujo nome era Mará, que em hebraico significa "amargo". Após viajarem por três dias através do deserto sem água, eles estavam compreensivelmente muito sedentos, mas não podiam beber dessa fonte porque a água era – adivinhe – amarga.

Eles ficaram obviamente transtornados. Até aquele momento eles pensavam que Deus estava ao lado deles e que, de agora em diante, a vida caminharia com facilidade – os mares se abririam sempre que surgissem as dificuldades –, mas de repente surge o desafio. O que esse local amargo poderia estar fazendo no meio da tranquila trilha da vida?

Obviamente, Deus colocou esse obstáculo no caminho deles para lhes ensinar – e a nós também, ao lermos isso milhares de anos depois – uma lição muito importante. Então examinemos com cuidado o que significa exatamente o relato bíblico.

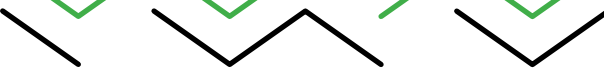
Eis o que aconteceu em seguida: Em resposta às angustiantes queixas dos israelitas, Deus disse a Moisés para pegar um galho de uma árvore próxima que era, ela mesma, amarga. Então Deus afirmou que ali estava a cura: “Pegue [o galho] da árvore amarga e lance-o nas águas amargas.” E, acredite se quiser, as águas ficaram doces.

O que foi ensinado aos judeus em Mará? Primeiro, a realidade da vida: não é só porque você acredita em Deus que você nunca sofrerá dificuldades. Como se diz, a vida não é um prato de cerejas. E esta foi uma lição particularmente apropriada, pois veio imediatamente após o incrível milagre da divisão do Mar Vermelho. Só porque eles foram os beneficiários de uma bênção sobrenatural não significava que, dali em diante, suas vidas teriam sempre um final de conto de fadas. Problemas são o preço que pagamos pelo direito de viver na Terra.

Mas há uma mensagem ainda mais importante que nos foi dada por Deus no local das águas amargas: há um segredo para transformar a amargura da vida; há uma maneira de transformar águas amargas em água doce. Por incrível que pareça, trata-se de *usar a própria amargura para transformar o ruim em bom!*

Impossível, você diz? Quase no final da história de Mará, a Bíblia acrescenta, de maneira aparentemente incongruente: “Porque eu sou o Eterno que te cura.” Agora leve em conta a notável coincidência de que o próprio princípio de “do amargo vem o doce” se tornou, séculos depois, a base de uma inovação na compreensão da medicina e do processo de cura por parte do ser humano.

Sem dúvida, uma das maiores realizações da medicina foi a invenção das vacinas. Por volta de 1796, os médicos ficaram naturalmente intimidados quando Edward Jenner propôs pela primeira vez injetar uma pequena quantidade de uma cultura de vírus – que causava varíola no gado – em um homem saudável, a fim de imunizá-lo contra a varíola. Introduzir no corpo de um paciente saudável a mesma doença que estamos tentando eliminar? A ideia parecia absurda. Usar o amargo para curar? Quem já ouviu falar de um absurdo assim? Os críticos de Jenner o ridicularizaram. Mas é claro que aquela mesma proposta já havia sido feita antes; ela partira de ninguém menos do que o próprio Deus. O amargo foi



introduzido na água e a tornou doce. A varíola introduzida no corpo produziu os poderosos anticorpos que, no final das contas, derrotariam a doença. O conceito de vacinação funcionou; nascia um campo inteiramente novo da medicina. E deve ser por isso que Deus, ao final da história de Mará, refere-se a Si Mesmo como um médico. Afinal de contas, Ele acabara de demonstrar o que levaria alguns milhares de anos mais para um grande médico descobrir.

Hoje nós entendemos que a injeção da vacina – “o amargo” – em uma pessoa provoca uma reação do sistema imunológico, fazendo com que este se fortaleça. Assim, quando surge uma epidemia, o sistema imunológico tem os meios para atacar e derrotar a doença. Do amargo vem o doce. Contudo, o que os rabinos extraíram dessa história foi ainda mais do que uma inovação médica. Exatamente o mesmo princípio – do amargo vem o doce – encontra aplicação em todos os campos da vida. A amargura que costumamos vivenciar, as dores e sofrimentos da nossa existência diária, podem muito bem ser as “vacinas” que nos protegem de complicações mais sérias. Os problemas constroem os nossos sistemas imunológicos espirituais. As dificuldades superadas nos fazem muito mais fortes. Nós não crescemos dos nossos momentos doces, mas dos nossos passos para trás.

Conta-se o seguinte a respeito de um encontro entre o famoso sábio do século 20 conhecido como *Chafêts Chayim* e um ex-estudante:

“Como está tudo?”, perguntou o rabino.

“Ruim”, respondeu o estudante.

“Não diga que está ruim,” preveniu o *Chafêts Chayim*. “Diga que está amargo.”

O estudante ficou perplexo, pois não entendera a diferença.

“Rabino, seja como for, eu estou dizendo a mesma coisa.”

“Não, meu filho, de jeito algum”, respondeu o grande rabino. “Ruim está longe de ser o mesmo que amargo. Um remédio pode ser amargo, mas jamais é ruim!”

O sabor amargo é uma sensação temporária. Óleo de rícino é amargo. Remédio é amargo, mas não dizemos que este é ruim porque reconhecemos que algo pode ser momentaneamente amargo, mas ter efeitos benéficos duradouros.

O gosto amargo do remédio de Deus, os sofrimentos que podemos ter que suportar hoje, podem muito bem provocar o efeito da nossa cura amanhã.

A LUTA POR FORÇA

Outra variante do princípio da repreensão carrega a ideia de usar a dor para produzir força mais adiante. Para ilustrar, eu usarei mais dois exemplos da natureza.

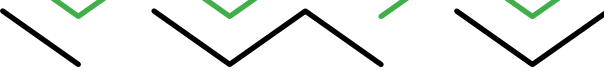
O primeiro vem da vida de John Audubon, o grande naturalista e ornitólogo. Um dia, ele observou uma bela borboleta tremendo de tão angustiada, incapaz de se separar do seu casulo. Comovido pela dor da criatura, ele abriu delicadamente o casulo e a libertou. Esta voou alguns metros adiante e caiu morta. Ele aprendeu depois que a natureza havia pressionado a borboleta dentro do casulo, onde ela era forçada a tremer até que os músculos das suas asas estivessem suficientemente fortes para voar. Ao libertá-la antes do tempo, ao "tornar as coisas mais fáceis para a pobre borboleta", ele a sentenciou à morte.

A natureza nos ensina uma grande lição: experiências dolorosas nos fortalecem para desafios ainda maiores que estão por vir na vida.

A outra história inspirada na natureza envolve outro tipo de criatura que se desenvolve em um casulo – a traça. Leroy B. Grant demonstrou que, assim como a borboleta, a traça precisa lutar para emergir do seu casulo; todavia, através dessa luta, a traça, ainda no casulo, expelle diversos venenos do seu corpo. Sem a luta, ela morreria.

Grant concluiu que, "quando as pessoas lutam pelo que querem, elas se tornam mais fortes e melhores; mas se as coisas vêm fácil, elas ficam fracas e algo nelas parece morrer".





Todos nós já vimos crianças crescerem e se tornarem adultos atenciosos e independentes porque tiveram que lutar por tudo o que conquistaram. Aqueles que não nasceram servidos por uma colher de prata na boca conseguiram alcançar o que crianças privilegiadas jamais poderiam realizar. Conta-se que o ator judeu americano Kirk Douglas afirmou: “Meus filhos nunca tiveram a minha vantagem de terem nascido em uma pobreza miserável.” A adversidade nos faz mais fortes, e isto tem uma dimensão pedagógica: ela nos deixa melhor preparados e nos torna pessoas melhores.

Um poema de Robert Browning Hamilton, de maneira muito bela, vai direto ao ponto:

*I walked a mile with Pleasure, she chattered all the way.
But never a thing do I recall of what she had to say.
I walked a mile with Sorrow and never a word said she,
But oh, the things I learned from her when Sorrow spoke to me.*

*[Eu caminhei uma milha ao lado do Prazer;
ele tagarelou por todo o percurso.
Mas não houve nada que eu perguntasse
que ele tivesse o que dizer.
Eu caminhei uma milha ao lado da Tristeza,
e ela não disse uma palavra.
Mas ah, as coisas que eu aprendi
quando a Tristeza falou comigo...]*

CAPÍTULO 11

O TESTE DE ABRAHÃO

Iniciamos este livro com uma discussão sobre o livro de Jó. Examinamos se poderia existir lógica na equação de que Deus é bom, justo e Todo-Poderoso enquanto, ao mesmo tempo, coisas ruins acontecem às pessoas boas. Tentamos demonstrar como é possível responder a essa pergunta afirmativamente.

Mas esta discussão não estaria completa sem o exame de outra famosa história bíblica que levanta questões semelhantes à sua maneira – a história de Abraão e a exigência de Deus para que ele sacrificasse o seu filho Isaac.

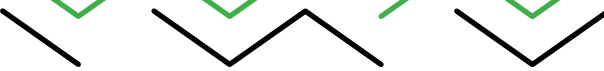
Esta é a história de um homem que – em um mundo dominado pela idolatria e o politeísmo – chega à conclusão de que há somente um Deus. É por isso que ele é o pai do monoteísmo tal como conhecemos hoje em dia. Ele é um homem maravilhoso – a essência da bondade amorosa.

No entanto, Deus lhe aplica uma escolha terrível: sacrificar o seu filho ou desobedecer a seu Deus.

Hoje olhamos para a sua história e dizemos: “Bom, no final tudo acabou bem.” Mas você pode se imaginar no lugar de Abraão, sem ter como saber como será o desfecho final? Você pode imaginá-lo no topo da montanha, sentindo que a obediência a Deus se traduz em estar disposto a matar o próprio filho, o qual este mesmo Deus lhe prometera na sua velhice que seria o pai das futuras gerações?

Abraão sofreu, não pode haver dúvida a respeito disso.

Acrescente-se a isso o fato de o fiel Abraão ter dois irmãos, e que ambos tinham muitos filhos; ele não tinha nenhum. Abraão vivera e tornara-se um homem velho, e não tinha herdeiros. Finalmente, quando estava com 100 anos e sua esposa com 90, Deus lhe prometeu uma criança – um filho – e cumpriu o prometido. Mas justamente quando ele finalmente tinha uma chance



de desfrutar do seu filho e planejar o futuro deste, Deus lhe apareceu com esse pedido inusitado.

Nós chamamos isto de teste. Mas quem precisa de testes assim? Por que ele precisa ser testado? Do que se trata tudo isso?

Será que Deus estava tentando ver o que Abrahão faria? Certamente Ele, que é Onisciente, tinha uma ótima ideia do que estava por vir; então por que colocou Abrahão no meio desse horror?

Alguns dos melhores filósofos e teólogos judeus, entre eles os grandes Maimônides (Rabi Moshé ben Maimon, 1135-1204) e Nachmânides (Rabi Moshé ben Nachman, 1194-1270), avaliaram essa história. Eles foram dois mestres de interpretação bíblica da Idade Média, e cada um abordou o problema de um ângulo diferente. Mas quem está correto, Maimônides ou Nachmânides? Eu acredito que a verdadeira resposta é uma combinação de ambos.

É interessante notar que, quando os eruditos modernos analisaram o que ambos disseram e compararam suas opiniões aos textos mais antigos do *Midrash*, descobriram que as visões de Maimônides e de Nachmânides já haviam sido oferecidas – não em termos filosóficos, mas em uma linguagem midráshica – por meio de histórias e parábolas.

Os modos pelos quais Nachmânides e Maimônides explicam o teste de Abrahão – um teste acompanhado por dor incalculável – oferecem outros dois conceitos pelos quais podemos lidar com os nossos próprios momentos de sofrimento. Eu os chamo respectivamente de “princípio da realização” (conforme explicado por Nachmânides) e “princípio da educação” (conforme explicado por Maimônides).

O PRINCÍPIO DA REALIZAÇÃO

Nachmânides argumenta que o ser humano tem liberdade de escolha; cabe a ele fazer algo ou se abster de fazê-lo. Deus sabe qual será a decisão do indivíduo quando este se confrontar com uma escolha difícil, mas isso não significa que podemos deixar de participar do processo de decisão. O conhecimento de

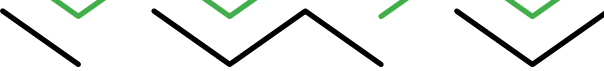
Deus não *cria* a realidade; apenas a *prevê*. Para que o indivíduo alcance grandeza espiritual, não basta para Deus saber que o homem poderia, teoricamente, passar em um teste. Até que uma demonstração de fé seja executada de fato, esta permanece sendo somente algo potencial. Deus não nos julga pelo que *poderíamos* nos tornar; Ele nos dá a oportunidade de *pôr em prática* nossas características de caráter e de demonstrar pleno comprometimento. Portanto, Deus não pode nos recompensar por nossas intenções, mas por nossas ações. É por isso que Ele costuma nos submeter a testes, do mesmo modo como os professores fazem com seus alunos. Uma boa professora pode prever como seus alunos se sairão com um grande grau de precisão. Ela sabe quais deles se aplicarão, estudarão o material e irão se sair bem, e quais não. Então, por que ela aplica os testes? Para que os estudantes sejam motivados a estudar e alcançar um nível maior de conhecimento, a fim de realizar tudo aquilo que são capazes de se tornar.

Abraão tinha uma tremenda força espiritual. Não havia dúvida de que ele era capaz de tamanha abnegação. Deus conhecia a sua grandeza; ao submetê-lo ao teste, Deus lhe permitiu que ele provasse isto de maneira convincente.

O sacrifício de Isaac – que é denominado, mais precisamente, de “amarração” de Isaac, uma vez que nunca houve qualquer sacrifício – foi a última de dez avaliações às quais Deus submeteu Abraão. Essa história é a mais famosa porque é a última e a mais dura.

É muito interessante saber que, em hebraico, a palavra *nês*, que significa *teste*, também tem outros três significados: (1) ser enaltecido ou elevado; (2) uma bandeira hasteada no alto; ou (3) milagre.

Como todos eles estão relacionados? O que os faz compartilhar a mesma palavra? Um teste é o mesmo que uma bandeira hasteada no alto; ao passar no seu teste, Abraão foi *elevado*; ele se tornou o que uma bandeira representa: um símbolo de grandeza capaz de inspirar outras pessoas. E quando alguém passa por um teste assim e é tão elevado, isto realmente é um milagre – o milagre de seres humanos elevando-se ao nível do seu potencial. Como é maravilhoso ver que podemos realizar aquilo que ninguém sonhara estar no reino do possível!



Eu conheço uma mulher que acreditava estar próxima de Deus. Ela costumava participar de vários seminários da Nova Era de expansão da mente e era aficionada por explorar o sentido da espiritualidade. Um dia, quando estava em profunda oração, ela disse: "Deus, Tu sabes que eu faria qualquer coisa por Ti. Só não me teste por meio dos meus filhos."

Alguns dias depois ela soube que seu filho adulto havia sido diagnosticado com leucemia. Ele finalmente morreu, e ela mergulhou em uma depressão terrível, após o que passou a reavaliar a si mesma, a sua fé e a sua relação com Deus. Desse horrível período de aflição ela emergiu mais forte, mais autenticamente religiosa e, como ela própria afirma, uma pessoa melhor.

É claro que ela não deveria ter desafiado Deus, mas, uma vez que abriu a porta para uma realidade à qual ela acreditava que nunca poderia superar, de alguma forma tornou-se necessário que o teste de fato acontecesse.

Por sua própria dureza, experiências desse tipo nos permitem pôr em prática capacidades que, caso contrário, seriam conhecidas somente por Deus, mas não por nós.

O famoso filósofo holandês Soren Kierkegaard argumentou que não foi pedido a Abrahão para sacrificar o seu filho, mas, sim, para sacrificar a sua inteligência, uma vez que toda a ideia de sacrificar o seu filho não fazia sentido. Anteriormente, Deus dissera a Abrahão: "Você terá um futuro junto ao seu filho. Teus descendentes serão mais numerosos do que as estrelas"; e então Deus lhe diz para matar o filho. O teste era se Abrahão poderia obedecer a uma ordem de Deus mesmo quando esta fosse irracional e contrária a tudo o que Deus lhe havia dito antes. Era a sua fé plena no seu Deus que estava sendo testada.

Ele precisava demonstrar que pretendia levar adiante aquele ato ilógico porque acreditava em Deus. *Abrahão não poderia ter sido quem ele foi se não tivesse consentido com isso.*

Dizer que Deus sabia de antemão que Abrahão passaria no teste não prova nada. Sim, Deus sabia que, uma vez que Abrahão encarasse o desafio de pôr em prática o seu potencial, ele passaria. Mas seria falso dizer que, já que

Deus sabia de antemão do desfecho, Ele não deveria ter submetido Abraão ao teste. A menos que Abraão realmente passasse no teste, ele não poderia ter realizado o melhor de si.

Foi o teste que deu a Abraão a oportunidade de pôr em prática o sentido da fé e o conceito de sacrificar tudo por suas convicções. Ele demonstrou a ideia de que há momentos em que devemos seguir a Deus mesmo quando isso parece ilógico. Eu até posso imaginar Deus dizendo a Si Mesmo: “Eu sei que ele passará no teste, e é por isso que o estou submetendo a isso. Estou lhe dando o teste exatamente porque Eu sei que ele passará.”

Então Nachmânides conclui que, até Abraão realmente vivenciar esses desafios e passar por eles, a sua capacidade de demonstrar fé e lealdade era apenas “potencial”; suas qualidades ainda não haviam sido forjadas na verdadeira essência do seu caráter.

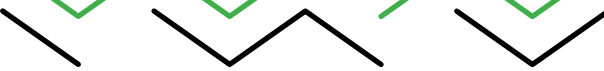
A METÁFORA DOS RECIPIENTES

Ao tratar da mesma questão, o *Midrash*⁴⁸ oferece a seguinte analogia a respeito de um ceramista:

“A fim de testar um recipiente para o seu forno, um ceramista bate nele em diversos pontos para ver se solta algum som característico, indicando que está livre de rachaduras ou outros defeitos. Mas se um recipiente está obviamente quebrado ou inclusive apresenta uma rachadura definida, não há necessidade de testá-lo; ele está claramente com defeito.

Então, por analogia, se os Céus submetem alguém a um teste, isso indica que essa pessoa já alcançou muito. Ela parece estar inteira, moralmente forte. Porém, as pessoas más jamais são testadas como foram Abraão e Jó. Com o defeito moral ou a fraqueza destas, qualquer teste só traria outra queda moral. Os Céus não têm qualquer intenção de fazer isso.

A mensagem parece estar muito clara. O ceramista precisa verificar a sua mercadoria; mas se esta estiver obviamente defeituosa, não há necessidade de testá-la, porque o resultado é conhecido – o recipiente irá quebrar. Um



recipiente que pode ser forte ou ter falhas ocultas deve ser testado. Se não quebrar, pode então ser garantido como um recipiente confiável.”

O *Midrash* está nos ensinando que as pessoas boas são mais capazes de suportar todo o rigor dos testes de Deus do que as más, porque para estas o resultado do teste já é conhecido; para elas um teste é desnecessário. As pessoas corretas, contudo, têm a chance de se elevar diante da ocasião e atingir o seu potencial.

Eu me lembro de Helen Keller, uma mulher notável que inspirou milhões de pessoas. Deus sabia que Helen Keller poderia lidar com o desafio a ela apresentado. Graças às suas deficiências, que ela superou com tamanha calma, Helen Keller se tornou uma pessoa maior do que seria caso tivesse nascido para trilhar um percurso fácil.

Ela foi submetida a muitos testes em sua vida, mas aprendeu a falar, foi para Radcliffe, graduou-se com honra e se tornou uma famosa escritora e conferencista. Os seus testes foram degraus em direção a um nível mais elevado de existência, e ela descobriu a sua sabedoria para escrever: “O caráter não pode ser desenvolvido com facilidade e quietude. Somente por meio da experiência dos testes e do sofrimento é que a alma pode ser fortalecida; a ambição, inspirada; e o sucesso, alcançado.”

Certamente a alma de Helen Keller elevou-se como resultado das suas aflições. Após ter sido submetida a diversos testes, ela pôde olhar retrospectivamente para a sua vida e concluir: “Muitas pessoas têm uma ideia errada do que constitui a verdadeira felicidade. Esta não é alcançada por meio da autossatisfação, mas pela fidelidade a um propósito dignificante.”

A vida nos oferece a oportunidade de ver muitos outros exemplos semelhantes. Vem se tornando comum ver uma pessoa portadora de deficiência competindo em um esporte desafiador – pessoas com pernas amputadas correndo em maratonas ou esquiando, pessoas em cadeiras de rodas que jogam basquete, pessoas surdas que atuam como atores.

Deixe-me compartilhar com você um exemplo comovente: uma vez por ano é realizada uma maratona de 26 milhas (aproximadamente 42 km) na cidade de Nova York, com a participação de muitas dezenas de milhares de pessoas. Multidões comparecem para vibrar com o vencedor. Eu quero contar a história do “perdedor” – a pessoa que, em 1998, chegou exausta em último, muitas horas depois que todos os demais já haviam completado a corrida.

O nome dela é Zoe Koplowitz. Ela tinha 46 anos e sofria de uma doença degenerativa – esclerose múltipla; ela já sofria dessa enfermidade há mais de 20 anos. Zoe caminhava apoiada sobre duas muletas, em um passo lento e doloroso de cada vez. Ela caminhou durante 27 horas e 34 minutos e completou a maratona. Zoe chegou em último lugar, mas chegou. Ela cruzou a linha final arrastando a sua perna esquerda.

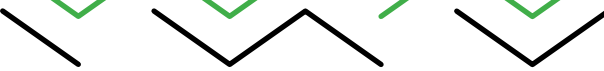
Por que ela fez isto? Eis a sua resposta:

“Quando você nasce, Deus lhe dá uma televisão programada com uma centena de canais. 99 deles exibem programas maravilhosos; em um deles só tem estática. Todas as pessoas, sem exceção, têm esse canal com estática; a única diferença é o tipo de estática que você recebeu nesse canal. E você tem uma escolha: você pode se sentar diante desse canal pelo resto da sua vida e ficar olhando para a estática, ou você pode se levantar e mudar de canal. O meu compromisso na vida é mudar o canal sempre que possível.”

Nós podemos superar nossas deficiências físicas e emocionais. Nós podemos mudar o canal, do mesmo modo como tantos que nos mostraram que isso é possível. E eles são exemplos típicos de seres humanos mais fortes e melhores, graças às vivências às quais foram submetidos.

O PRINCÍPIO DA EDUCAÇÃO

Ouçamos agora o que um outro importante filósofo e teólogo judeu tem a nos dizer a respeito do teste de Abraão. Maimônides faz uma leitura um pouco diferente do teste do sacrifício de Isaac. Não que ele discorde totalmente



da análise de Nachmânides; ele apenas dá à história – e a esse ponto – uma outra ênfase.

Maimônides vê o propósito do teste como algo educativo para o restante da humanidade. Deus testou Abraão – sabendo que o Patriarca iria estar à altura do teste – para demonstrar ao resto do mundo as possibilidades da perfeição humana, a elevação espiritual que o corpo físico é capaz de alcançar.

É como se o ceramista estivesse testando o seu recipiente na loja a fim de impressionar e convencer os demais da alta qualidade da sua mercadoria.

Essa revelação Divina – usando Abraão como recipiente – foi significativa não apenas para os seus contemporâneos, mas em benefício de todas as gerações futuras. Deus sabia que milhões de pessoas um dia iriam ler essa história na Bíblia e seriam inspiradas por ela.

Deus queria que Abraão passasse por esse teste tremendamente difícil de modo que essa história permanecesse como prova do poder da fé. E quem sabe se isso não ajudou inúmeros descendentes de Abraão a sobreviver aos seus próprios testes de fé quando, durante as Cruzadas, *pogroms* ou no Holocausto, os judeus foram confrontados com o sacrifício dos seus próprios filhos.

Exemplos de incrível obediência a Deus são o que torna possível às pessoas seguirem adiante por seus próprios caminhos.

Portanto, Maimônides na verdade está dizendo que Deus precisava de personagens inspiradores para o Seu livro. Ele precisava que os originais realizassem essas grandes coisas – superando todas as dificuldades – para que, então, nós pudéssemos aprender com eles.

Naturalmente, Abraão não poderia ter sabido, tampouco suspeitado disso, ou o teste teria sido uma fraude. Do mesmo modo, alguém hoje em dia pode ser submetido a um teste Divino sem jamais imaginar o tremendo impacto que o seu sucesso poderá exercer nas demais pessoas!

Por exemplo, uma mulher que inesperadamente perdeu o seu marido e entrou em profunda depressão pelo potencial perdido de seu matrimônio não percebe como a tristeza dela pode trazer benefício para outras pessoas. Mais

tarde, talvez quando as pessoas lhe disserem: "Você foi uma grande inspiração para mim – o modo como você lidou com a morte do seu marido com tanta dignidade...", ela poderá perceber que a sua perda foi, de diversas maneiras, um ganho espiritual, não só para ela, mas também para muitos outros. É isso o que significa "ser usado a serviço de Deus".

De acordo com Maimônides, Deus quer nos mostrar do que é feito o Seu povo especial. É como se Deus estivesse dizendo: "Eu tenho alguns jarros que são tão fortes que você dificilmente acreditaria se os visse com os seus próprios olhos. Veja, Eu vou martelar aquele jarro, e mesmo assim ele não se quebrará. Você precisa admirar a qualidade excepcional destes recipientes extraordinários."

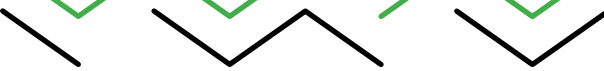
Por que lhe é ensinada essa demonstração? Para que você, também, possa ser um recipiente assim. Preste muita atenção e veja do que os seres humanos são capazes. A fé pode tornar um recipiente de barro tão resistente quanto um de ferro.

Nesta linha, eu posso ajudar ainda além, ao pensar em meu pai, de abençoada memória. Ele passou por muitos testes e tribulações em sua vida, mas eu nunca o ouvi reclamar. Ele teve que fugir da Europa ocupada pelo nazismo; teve que aprender outro idioma já em idade avançada e começar tudo de novo na América.

A vida para a sua geração de imigrantes não era fácil, mas ele superou todas as dificuldades. Fez sacrifícios, sofreu, contudo nunca perdeu a sua fé em Deus. Eu sempre imagino se teria sido capaz de suportar o que ele suportou.

Até hoje, uma de minhas memórias mais vívidas de meu pai é quando eu o visitava durante a época da sua última doença. Ele me pedia para que eu me abaixasse para mais perto dele, para que ele pudesse me sussurrar algo. Meu pai sabia que logo estaria deixando este mundo, e foi isso o que ele escolheu para me deixar marcado: "Meu querido Benjamin, eu preciso lhe dizer que não entendo por que Deus me considerou merecedor para me abençoar tanto ao longo dos dias da minha vida."





Eu ainda sou incapaz de compreender a profundidade da piedade que lhe permitiu refletir sobre o seu passado – um passado preenchido de tanta dor – e percebê-lo apenas sob a perspectiva de uma grande bondade do Todo-Poderoso. Será que ele esqueceu todo o sofrimento? A sua mente o enganara no fim da vida? Eu penso que não. De forma alguma. Era a sua natureza religiosa que sempre enfatizara o bem além do mal e que, até o dia de hoje, eu tento muito imitar.

A história do teste de Abraão poderia ser reescrita com alguma forma de relato diferente, substituindo alguns nomes por pessoas nossas conhecidas – o nome do meu pai, o meu nome, o seu nome, qualquer um de nós que foi submetido a teste durante a vida. E, verdade seja dita, quem não é?

Deus nos testa o tempo inteiro, e se compreendermos isso corretamente, isso com certeza é um cumprimento Divino: significa que Deus sente que nós podemos lidar com as dificuldades. As pessoas que fracassam são muito parecidas com estudantes inteligentes nos exames finais. Alguns alcançam 100%; outros, 75%, mas tinham visivelmente o potencial para alcançar os 100%. Outros ainda – com o mesmo potencial – não passam no teste.

Por quê? Aquela foi a sua escolha. Eles exercitaram o seu livre-arbítrio para fracassar no teste. Mas isso não significa que eles não deveriam ter passado. Deus sabia que eles eram capazes; mas eles decidiram não o fazer. E, na maior parte das vezes, essas pessoas ficam chateadas com Deus por seus próprios fracassos.

Há um modo melhor de agir, se nós aprendemos a pensar nos vários momentos de nossas vidas, quando precisamos encarar os desafios da adversidade como nossos testes pessoais – testes que servem como instrumentos Divinos para encorajar nosso crescimento espiritual, bem como grandes oportunidades para que nos tornemos um modelo de conduta heroica para aqueles que nos são mais próximos e queridos.

NOTAS

44. Provérbios 3:11-12. – 45. Provérbios 13:24. – 46. Deuteronômio 8:5. – 47. Êxodo 15:22-26. – 48. *Midrash Rabá*, Gênesis 32:3.

No próximo volume da série de e-books

Se Deus é Bom Por Que o Mundo é tão Ruim?

Capítulo 12. O Fator de Equilíbrio

Capítulo 13. Não é Deste Mundo

Capítulo 14. A Punição de Moisés

Não perca!

